

MIA COUTO

Contos do nascer da Terra



Copyright © 2009 by Mia Couto e Editorial Caminho SA, Lisboa

A editora manteve a grafia vigente em Moçambique, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

chronowizard gasikara/Getty Images

Revisão

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Couto, Mia

Contos do nascer da Terra / Mia Couto — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2434-3

1. Contos moçambicanos (Português) I. Título.

14-03264

CDD-m869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura moçambicana em português 869.3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

O não desaparecimento de Maria Sombrinha	9
A viagem da cozinheira lagrimosa (*)	15
A última chuva do prisioneiro	23
A gorda indiaña	31
A menina, as aves e o sangue	39
A filha da solidão	45
Lágrimas para irmãos siameses (*)	53
O último voo do tucano	61
A luavezinha (primeira estória para a Rita)	69
Velho com jardim nas traseiras do tempo.....	75
O viúvo	81
A menina sem palavra (segunda estória para a Rita)	89
O derradeiro eclipse	95
A carteira de crocodilo.....	103
Falas do velho tuga	109
Governados pelos mortos (fala com um descampônês).....	119
O indiano dos ovos de ouro	125
O baralho erótico	133
A casa marinha	141

Os negros olhos de Vivalma.....	149
Gaiola de moscas (*).....	155
O homem da rua	165
O general infanciado.....	173
Rungo Alberto ao dispor da fantasia.....	181
O despertar de Jaimão	187
Raízes (*).....	195
O fintabolista	201
A viúva nacional.....	209
A sentença do fogo (*).....	217
Miudádivas, pensatempos.....	227
O chão, o colchão e a colchoa.....	233
A palmeira de Nguézi (*)	241
Cataratas do céu	249
Ossos.....	255
O coração do menino e o menino do coração	261
Glossário	267

Nota: A maior parte dos contos deste livro foi publicada em jornais e revistas desde inícios do ano de 1996 e o corrente ano. Contudo, o autor alterou a quase totalidade desses textos. E acrescentou uma dezena de histórias inéditas (assinaladas com asterisco), alicerçadas no quotidiano desse país que, para além de uma língua comum, exibe uma identidade bem própria no domínio da cultura e da criatividade literária.

O não desaparecimento
de Maria Sombrinha

*Afinal, quantos lados tem o mundo
no parecer dos olhos do camaleão?*

Já muita coisa foi vista neste mundo. Mas nunca se encontrou nada mais triste que caixão pequenino. Pense-se, antemanualmente, que esta estória arrisca conter morte de criança. Veremos a verdade dessa tristeza. Como diz o camaleão — em frente para apanhar o que ficou para trás.

Deu-se o caso numa família pobre, tão pobre que nem tinha doenças. Dessas em que se morre mesmo saudável. Não sendo pois espantável que esta narração acabe em luto. Em todo o mundo, os pobres têm essa estranha mania de morrerem muito. Um dos mistérios dos lares famintos é falecerem tantos parentes e a família aumentar cada vez mais. Adiante, diria o camaleonino réptil.

A família de Maria Sombrinha vivia em tais misérias, que nem queria saber de dinheiro. A moeda é o grão de areia esfluindo entre os dedos? Pois, ali, nem dedos. Tudo começou com o pai de Sombrinha. Ele se sentou,

uma noite, à cabeceira da mesa. Fez as rezas e olhou o tampo vazio.

— *Eh pá, esta mesa está a diminuir!*

Os outros, em silêncio, balancearam a cabeça, em hipótese.

— *Vocês não estão a ver? Qualquer dia não temos onde comer.*

Ao se preparar para dormir, apontou o leito e chamou a mulher:

— *Esta cama cada dia está mais pequena. Um dia desses não tenho onde deitar.*

Debateram o assunto, timidamente, com o pai. Sugeriram que a razão pudesse ser inversa: o mundo é que estava a aumentar, encurralando a aldeiazinha. Fosse o caso dessa suposição, a aldeia estaria metida em vara de sete camisas. Mas o velho não arredou ideia. Casmurrou contra argumento alheio, ancorado na teima dele.

Por fim, sua visão minguante aconteceu com Sombrinha. Ele via o tamanho dela se acanhar, mais e mais pequenita. E se queixava, pressentimental:

— *Esta menina está-se a enxugar no poente...*

Todos se riam. O pai cada vez piorava. Face ao riso, o homem se remeteu à ausência. Se transferiu para as traseiras, se anichou entre desperdício e desembrulhos. A filha ainda solicitou comparência do mais velho.

— *Deixe o seu pai. Lá onde está, ele não está em lugar nenhum.*

Valia a pena sombrear a miúda, minhocar-lhe o juízo? Mas Sombrinha não deixou de rimar com a alegria.

Afinal, era ainda menos que adolescente, dada somente a brincriações. Sendo ainda tão menina, contudo, um certo dia ela se barrigou, carregada de outrem. Noutros termos: ela se apresentou grávida. Nove meses depois se estreava a mãe. Sem ter idade para ser filha como podia desempenhar maternidades?

A criancinha nasceu, de simples escorregão, tão minusculinha que era. A menina pesava tão nada que a mãe se esquecia dela em todo o lado. Ficava em qualquer canto sem queixa nem choro.

— *Essa menina só para quieta!* — queixava-se Sombrinha.

Deram o nome à menininha: Maria Brisa. Que ela nem vento lembrava, simples aragem. Dona mãe ralhava, mas sem nunca fechar riso, tudo em disposições. Até que certa vez repararam em Maria Brisa. Porque a barriguinha dela crescia, parecia uma lua em estação cheia. Sombrinha ainda devaneou. Deveria ser um vazio mal digerido. Gases crescentes, arrotos tontos. Mas depois, os seios lhe incharam. E concluíram, em tremente arrepiação: a recém-nascida estava grávida! E, de facto, nem tardaram os nove meses. Maria Brisa dava à luz e Maria Sombrinha ascendia a mãe e avó quase em mesma ocasião. Sombrinha passou a tratar de igual seus rebentinhos — a filha e a filha da filha. Uma pendendo em cada pequenino seio.

A família deu conta, então, do que o pai antes anunciara: Sombrinha, afinal das contas, sempre se confirmava regredindo. De dia para dia ela ia ficando sempre menorzita. Não havia que iludir — as roupas

iam sobrando, o leito ia crescendo. Até que ficou do mesmo tamanho da filha. Mas não se quedou por ali. Continuou definhando a pontos de competir com a neta.

Os parentes acreditaram que ela já chegara ao mínimo mas, afinal, ainda continuava a reduzir-se. Até que ficou do tamanho de uma unha negra. A mãe, as primas, as tias a procuravam, agulha em capinzal. Encontravam-na em meio de um anônimo buraco e lhe deixavam cair uma gotícula de leite.

— *Não deite de mais que ainda ela se afoga!*

Até que, um dia, a menina se extinguiu, em idem-são. Sombrinha era incontemplável a vistas nuas. Choraram os familiares, sem conformidade. Como iriam ficar as duas orfãzinhas, ainda na gengiva de leite? A mãe ordenou que se fosse ao quintal e se trouxesse o esquecido pai. O velho entrou sem entender o motivo do chamamento. Mas, assim que passou a porta, ele olhou o nada e chamou, em encantado riso:

— *Sombrinha, que faz você nessa poeirinha?*

E depois pegou numa imperceptível luzinha e suspendeu-a no vazio dos braços. *Venha que eu vou cuidar de si*, murmurou enquanto regressava para o quintal da casa, nas traseiras da vida.

A viagem
da cozinheira lagrimosa

Antunes Correia e Correia, sargento colonial em tempo de guerra. Se o nome era redundante, o homem estava reduzido a metades. Pisara um chão traiçoeiro e subira pelas alturas para esse lugares onde se deixa a alma e se trazem eternidades. Correia não deixou nem trouxe, incompetente até para morrer. A mina que explodira era pessoal. Mas ele, tão gordo, tão abastado de volume, necessitava de duas explosões.

— *Estou morto por metade. Fui visitado apenas por meia-morte.*

Perdera a vida só num olho, um lado da cara todo desfacelado. O olho dele era faz-conta um peixe morto no aquário do seu rosto. Mas o sargento era tão apático, tão sem meximento, que não se sabia se de vidro era todo ele ou apenas o olho. Falava com impulso de apenas meia-boca. Evitava conversas, tão doloroso que era ouvir-se. Não apertava a mão a ninguém para não sentir nesse aperto o vazio de si

mesmo. Deixou de sair, cismado em visitar no obscuro da casa a antecâmara do túmulo. O Correia perdera interesses na vida: ser ou não ser tanto lhe desfazia. As mulheres passavam e ele nada. E ladainhava: “estou morto por metade”.

Agora, reformado, sozinho, mutilado de guerra e incapacitado de paz, Antunes Correia e Correia tomava conta de suas lembranças. E se admirava do fôlego da memória. Mesmo sem o outro hemisfério não havia momento que lhe escapasse nessa caçada ao passado. *Das duas uma: ou minha vida foi muito enorme ou ela fugiu-me toda para o lado direito da cabeça*. Para as recordações virem à tona ele inclinava o pescoço.

— Assim escorregavam diretamente do coração — dizia ele.

Felizminha era a empregada do sargento. Trabalhava para ele desde a sua chegada ao bairro militar. Nos vapores da cozinha a negra Felizminha arregaçava os olhos. Enxugava a lágrima, sempre tarde. Já a gota tombara na panela. Era certo e havido: a lágrima se adicionando nas comidas. Tanto que a cozinheira nem usava tempero nem sal. O sargento provava a comida e se perguntava porquê tão delicados sabores.

— É comida temperada a tristeza.

Era a invariável resposta de Felizminha. A empregada suspirava: *ai, se pudesse ser outra, uma alguém. Poupava alegrias, poucas que eram.*

— Quero guardar contentamento para gastar depois, quando for mais velhinha.

Metida a sombra, fumo, vapores. Nem sua alma ela

enxergava nada, embaciada que estava por dentro. A mão tiritacteava no balcão. O recinto era escuro, ali se encerravam voláteis penumbras. A cozinha é onde se fabrica a inteira casa.

Certa noite, o patrão entrou na cozinha, arrastando seu peso. Esbarrou com a penumbra.

— *Você não quer mais iluminação na porcaria desta cozinha?*

— *Não, eu gosto assim.*

O sargento olha para ela. A gorda Felizminha remexe a sopa, relambe a colher, acerta o sal na lágrima. O destino não lhe encomendou mais: apenas esse encontro de duas meias vidas. Correia e Correia sabe quanto deve à mulher que o serve. Logo após o acidente, ninguém entendia as suas pastosas falas. Carecia-se era de serviço de mãe para amparar aquele branco mal-amanhado, aquele resto de gente. O sargento garatunfava uns sons e ela entendia o que queria. Aos poucos o português aperfeiçoou a fala, mais apessoado. Agora ele olha para ela como se estivesse ainda em convalescença. O roçar da capulana dela amansa velhos fantasmas, a voz dela sossega os medonhos infernos saídos da boca do fogo. Milagre é haver gente em tempo de cólera e guerra.

— *Voce está magra, anda a apertar as carnes?*

— *Magra?*

Pudesse ser! A tartaruga: alguém a viu magrinha? Só os olhos lhe engordavam, barrigando de bondades. A gorda Felizminha gemia tanto ao se baixar que parecia que a terra estava mais longe que o pé.

— Me esclareça uma coisa, Felizminha: porquê essa choradice, todos os dias?

— Eu só choro para dar mais sabor aos meus cozinhados.

— Ainda eu tenho razões para tristezas, mas você...

— Eu de onde vim tenho lembrança é de coqueiros, aquele marejar das folhas faz conta a gente está sempre rente ao mar. É só isso, patrão.

A negra gorda falou enquanto rodava a tampa do rapé, ferrugentia. O patrão meteu a mão no bolso e retirou uma caixa nova. Mas ela recusou aceitar.

— Gosto de coisa velha, dessa que apodrece.

— Mas você, minha velha, sempre triste. Quer aumento no dinheiro?

— Dinheiro, meu patrão, é como lâmina... corta dos dois lados. Quando contamos as notas se rasga a nossa alma. A gente paga o quê com o dinheiro? A vida nos está cobrando não o papel mas a nós, próprios. A nota quando sai já a nossa vida foi. O senhor se encosta nas lembranças. Eu me aaprovo na tristeza para descansar.

A gorda cozinheira surpreendeu o patrão. Lhe atirou, a queimar-lhe a roupa:

— Tenho ideia para o senhor salvar o resto do seu tempo.

— Já só tenho metade de vida, Felizminha.

— A vida não tem metades. É sempre inteira...

Ela desenvolveu-se: o português que convidasse uma senhora, dessas para lhe acompanhar. O sargento ainda tinha idade combinando bem com corpo. Até há essas da vida, baratinhas, mulheres muito descartáveis.

— *Mas essas são pretas e eu com pretas...*

— *Arranje uma branca, também há aí dessas de comprar. Estou-lhe a insistir, patrão. O senhor entrou na vida por caminho de mulher. Chame outra mulher para entrar de novo.*

Correia e Correia semissorriu, pensageiro.

Um dia o militar saiu e andou a tarde toda fora. Chegou a casa, eufórico, se encaminhou para a cozinha. E declarou com pomposidade:

— *Felizminha: esta noite ponha mais um prato.*

A alma de Felizminha se enfeitou. Esmerou na arrumação da sala, colocou uma cadeira do lado direito do sargento para que ele pudesse apreciar por inteiro a visitante. Na cozinha apurou a lágrima destinada a condimentar o repasto.

Aconteceu, porém, que não veio ninguém. O lugar na mesa permaneceu vazio. Essa e todas as outras vezes. Única mudança no cenário: o assento que competia à invindável visita passava da direita para a esquerda, esse lado em que não havia mundo para o sargento Correia.

Felizminha duvidava: essas que o patrão convidava existiam, verídicas e autênticas?

Até que, uma noite, o sargento chamou a cozinheira. Pediu-lhe que tomasse o lugar das falhadas visitadoras. Felizminha hesitou. Depois, vagarosa, deu um jeito para caber na cadeira.

— *Decidi me ir embora.*

Felizminha não disse nada. Esperou o que restava para ser dito.

— *E quero que você venha comigo.*

- *Eu, patrão? Eu não saio da minha sombra.*
- *Vens e vês o mundo.*
- *Mas ir lá fazer o quê, nessa terra...*
- *Ninguém te vai fazer mal, eu prometo.*

Daí em diante, ela se preparou para a viagem. Animada com a ideia de ver outros lugares? Aterrada com a ideia de habitar terra estranha, lugar de brancos? Nem rosto nem palavra da cozinheira revelavam a substância de sua alma. O sargento provava a refeição e não encontrava mudança. Sempre o mesmo sal, sempre a mesma delicadeza de sabor. No dia acertado, o militar acotovelou a penumbra da cozinha:

- *Venha, faça as malas.*

Saíram de casa e Felizminha cabisbaixou-se ante o olhar da vizinhança. Então o sargento, perante o público, deu-lhe a mão. Nem se entrecabiam bem de tão gordinhas, os dedos escondendo-se como sapinhos envergonhados.

- *Vamos* — disse ele.

Ela olhou os céus, receosa por, daí a um pouco, subir em avião celestial, atravessar mundos e oceanos. Entrou na velha carrinha, mas para seu espanto Correia não tomou a direção do aeroporto. Seguiu por vielas, curvas e areias. Depois, parou num beco e perguntou:

- *Para que lado fica essa terra dos coqueiros?*